



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

Quanto vale ter esperança...

Por G. B. VENTURA

Desenhos de A. CASTANE

A AVIA, numa pequena aldeia, um casal que vivia extremamente pobre; em bora o seu labutar fôsse constante, parecia que a miséria os perseguia.

Tinham, como lenitivo de tantas mágoas, a paz doméstica e o amor de dois filhinhos a quem adoravam. Maria — assim se chamava a mais nova

— era um perfeito anjo!... As suas tranças loiras, a emoldurarem-lhe o rosto, alvo como a neve, e os seus olhos, azuis da cor do céu, inspiravam a ternura a quem os contemplava por momentos!

Luís — assim se chamava o outro filhinho — tinha, ao contrário, cabelos pretos, olhos da mesma cor e rosto moreno.

Maria gostava do bulício e Luís da solidão. Só eram parecidos na bondade, pois os seus corações só se sentiam felizes quando praticavam o bem.

Um dia, quiz Deus chamar a si a alma do Chefe daquela pobre família. Ficaram na orfanidade os filhos que tanto amava.

Se até ali a miséria fôra grande, de aí em diante ela aumentava cada vez mais.

Maria, quando via sua mãe chorar, deitava-se-lhe ao pescoço e, enchendo-lhe as faces de beijos, dizia:

— «Não chores, minha querida mãezinha, Deus há-de valer-lhe. Ainda havemos de ser muito felizes, tenho essa esperança. Deus nunca abandona aqueles que, de hora a hora, invocam o seu nome».

«Oxalá, minha querida filhinha, isso pudesse vir a ser verdade!...»

«Há-de ser, se Deus quizer, porque eu vou pedir muito ao Menino

Jesus para que me satisfaça este desejo, só para a não ver chorar.

Se soubesse, mãezinha querida, quanto me custa ver-lhe essas lágrimas! Cada uma que brota dos seus meigos olhos, parece um espinho que me vem ferir o coração!

— «Então, sossega, minha filha. Nunca mais me verás chorar. Enquanto passar a minha vida junto de ti e de Luizinho, sentir-me-hei sempre conformada, ainda que a infelicidade e a desgraça continuem a perseguir-me».

Assim passaram horas esquecidas a conversar e Maria sempre alimentando

esperanças para contentar sua mãe.

Luís, em silêncio, fazia também projectos para o futuro, e muitas vezes fantasiava ver-se fardado, com reluzentes galões, o que fazia sorrir sua mãezinha e murmurar ao mesmo tempo. — Como sou feliz, meu Deus!»





Foram crescendo as duas crianças até que Luís assentou praça para cumprir o seu dever e a mãe teve de resignar-se a viver só, com Maria. Oh! quantas lágrimas aquela mãe não chorou, ao saber que seu filho, tinha de ir para a guerra combater!

Tanto Maria como sua mãe, passavam as noites a chorar e dia e noite pediam a Deus que salvasse da morte o seu querido Luís, que, lá muito ao longe, lutava para defender a Pátria.

Durante o dia trabalhavam para ganhar alguma coisa com que se pudessem sustentar. No fim de algum tempo terminou a guerra mas a desolada mãe já não esperava ver o seu filho, o seu querido Luís, de quem não recebia notícias havia muito tempo.

Luís, lutou sempre corajosamente, não só para se libertar da morte, mas também com o fito de conseguir ver transformados em realidade, alguns dos seus sonhos de criança. E com tal audácia se houve o valente soldado e tais façanhas praticou, que o condecoraram com uma medalha.

Aquela medalha, foi para ele o primeiro passo a caminho dum risonho futuro. Quando voltou á sua terra Natal, á pequenina aldeia onde sempre vivera e ponde abraçar a sua querida mãe e irmã, já não parecia o mesmo... Estava muito magro e lia-se-lhe no seu rosto varonil, qualquer coisa que o preocupava. Essa preocupação era descobrir a melhor maneira de poder tornar mais desafogada a vida de sua mãe e irmã.

Os anos foram passando. Luís ia subindo de

pôsto na carreira militar e com o seu constante esforço, dedicação e bom comportamento, conseguiu ver, por fim realizados os seus desejos.

Maria e sua mãe, foram viver para companhia d'ele. E o brioso militar sustentava-as com grande sacrifício com o seu soldo, porque já lhe brilhavam na farda aqueles galões de oficial com que tinha sonhado. Agora a pobre velhinha já não chorava como outrora, mas sorria ao dizer a Maria que tudo quanto Luís idealizara saíra verdadeiro. E Maria, muito satisfeita, retorquia:—«Bem dizia eu, que quem confia em Deus consegue ser, mais tarde ou mais cedo, atendido».

A velhinha orava e agradecia ao Senhor que tinha ouvido as suas preces e as de sua filha, por lhe haver dado filhos tão dignos da estima de todos que o conheciam.

Viviam todos os três felizes. A mãe, se alguma vez ainda chorava, não era por miséria como nos tempos antecedentes, mas sim por se lembrar do seu extremoso marido e do tempo feliz da mocidade, que sempre deixa saudades, saudades que vamos arrastando pela vida fóra, até á morte.

Reinou sempre, naquele lar, a graça e a paz do Senhor que ali era evocada a todos os momentos.

Eram extremamente felizes e, quando estavam juntas, diziam muitas vezes:

— «Como nós somos felizes!... Como é bom ter esperança e crer em Deus!...»

Minharia de Cobras

Por MARIA AMELIA RODRIGUES
Desenhos de LVAH

tôdas as côres. Algumas confundem-se de tal modo com a madeira que os lenhadores podem trazê-las nos molhos que vendem às portas.

— E depois, quando succede isso? — perguntou a Lena a tremer.

— Quando succede isso, succede minha filha! Quem vive numa terra, assim, claro está que tem de sujeitar-se e procurar fazer, em tôdas as ocasiões, frente ao perigo. Há uma cobra que é adorada pelos cafres. O seu comprimento é variável. Pode atingir um metro. Delgadinha, tem no dorso três riscas. Uma azul turqueza, outra branca e outra castanha. Ao vê-la rastejar, parece-nos — tão fluida ela é — um veio de água. Os pretos dizem que tôdo o que fôr mordido três vezes por este animal sagrado, fica imunizado contra as mordeduras de outras cobras. Por isso o cafre nos desobedecerá se os mandarmos tirar a vida à sua deusa Inhâzarumbó.



tio João estava nesse dia de bom humor. A Lena, que o compreendeu, começou a maçá-lo.

— Tio, tiozinho, conte lá coisas de Tété, sim?

— Para quê? Para ficares chesinha de medo?

— Isso sim! Agora sou mais valente...

— Então vá lá. Hoje vou falar-te de cobras.



FIM

— Ui!
— Então?
— Não é nada. Conte lá, conte lá.
— Em Tété é muito vulgar encontrarmos cobras. Pode ser, ao levantar, o nosso primeiro encontro; podemos estar descansadamente à mesa e apresentar-se uma, sem convite e, durante o dia, minha querida Lena, não te digo nada...
— Ah! Ainda bem que aqui não se dá isso. E fazem muito mal as tais cobras? São muitas?!
— Nem tôdas fazem muito mal. Algumas são venenosas, mas outras não. Lá, encontram-se muitas variedades. Há-as de tôdos os tamanhos e de

Enigmas pitorescos



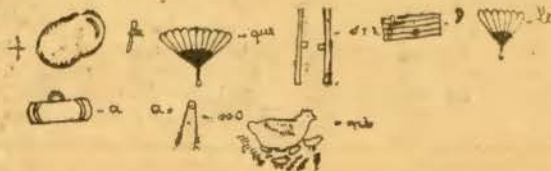
-pa — lap — ded + r

— i du — da — da

-le f — post — la duro

-la — lap r + — ded — ta

— a — — a — — a



O MENINO PERDIDO

Novela infantil por Augusto de Santa-Rita



Desenhos de Castañé

(Continuado do numero anterior)

— «Prepara-se para entrar em scena;» objectou António, com uma estranha alegria a iluminar-lhe a expressão outrora sempre triste.

«Mas que tens tu? Estranho-te, António!» Exclamou Jorge, sorridente, e acrescentando com um belo humor: — «dir-se-ia que te safu a sorte grande!»

«Melhor Jorge; bem melhor do que isso. E' que, muito embora te deva a grande felicidade de me haveres apresentado Rosa, não a conheces ainda e eu é que ta devo apresentar».

— «Compreendo-te, António e bem melhor fóra que não te compreendesse. Estás apaixonado?!...» Balbuciou Jorge, deixando-se cair sobre um «mapple», excessivamente pálido.

— «Não, Jorge; não estou vulgarmente apaixonado. Mas... porque te impressiona tanto tal suposição?! Acaso a amas tu?!»

— «Sim, sim, meu caro António; louca, perdida-mente!» confessou Jorge com um certo embaraço.

— «Sossega, sossega! Nunca em mim encontrarás um rival». Retorquiu António que, vendo abrir-se a porta do camarim de Rosa, e esta surgir, vestida de rainha, com o seu traje de protagonista, exclamou teatralmente e, ao mesmo tempo, com um ar profundamente sincero:

— «Meu querido Jorge, tenho o grande prazer de te apresentar minha Mãe!»

— «Que queres dizer?!... Tua Mãe?! En-

doideceste ou brincas?! Não compreendo, António. Vais também representar esta noite?» interrogou Jorge, supondo tratar-se de uma brincadeira.

— «Falo a sério, Jorge. Encontrei, finalmente, a minha Mãe verdadeira.

E Rosa, sempre sorrindo, a trasbordar de ventura, confirmou:

— «Acredite, doutor! Tinha perdido o meu filho e o céu mo deparou, felizmente!»

Então, abraçando-o e beijando-o muito, na presença de Jorge, que os olhava pasmado, ora a sorrir, ora a chorar de contentamento, foi-lhe contando, pormenorissadamente, como haviam chegado a tão feliz conclusão.

Já o pano havia subido, já as três pancadas de Molière, haviam soado, lentas, atrás dos bastidores, quando, de chô-

fre, o contra-regra do teatro, afanosamente, appareceu, avisando-a da sua pretes entrada em scena.

Jorge e António ficaram conversando sobre tão imprevisto e estranho acontecimento.

Cinco minutos após, uma prolongada e estrepitosa salva de palmas, reboou para além do palco e Rosa Gião reaparecia na ante-câmara do seu camarim, entre seu filho e Jorge de Olivete.



Quinze dias volvidos, já cumprido o contrato entre Rosa Gião e o director da Ópera, na grande gare «Quai d'Orsay», Rosa e António Gião tomavam o «sud», regressando, emfim, a Portugal, onde desembarcaram na estação do Porto. Dirigindo-se imediatamente à estação telegráfica, António, radiante ao contemplar novamente o claro sol da sua terra,

feliz pela expectativa de poder em breve apresentar sua Mãe à eleita da sua alma, redigiu precipitadamente um telegrama com o seguinte teor: — «Chego amanhã, 3 horas. Grande surpresa».

E, no dia seguinte, às 3 horas em ponto, no luxuoso automóvel de sua Mãe, António e Rosa Gião apiavam-se ao portão da grande quinta do Arco.



Miguel e Bernarda foram as primeiras pessoas que deram pela chegada. Ao badalar da sineta, imediatamente, acorreram ao portão da quinta. Qual não foi, porém, o seu espanto ao constatarem que António não vinha só, que uma distinta senhora o acompanhava. Logo, pela mente de ambos, duas hipóteses se formularam instantaneamente: — Estaria noivo?! Ter-se-ia casado em Paris!...

Mas, em breve, ambas as conjecturas se desfizeram.

Após um apertado abraço em Bernarda e um aperto de mão a Miguel, António, com grande pasmo de ambos, apresentou-os: — «os meus protectores Bernarda e Miguel... a minha Mãe!...»

Ao notar a expressão de espanto da pobre mulher, tão pouco afeita a grandes emoções, Rosa Gião exclamou sorridente:

— «Não se admire! Tem, às vezes, caprichos o Acaso. Roubou-me o meu filho mas quiz restituir mo ao fim de vinte anos. Minha Senhora, estou-lhe infinitamente grata pela dedicação e carinho com que o tem tratado».

— «Oh, que felicidade! (Balbuciu, confusa, a humilde mulher inda a julgar-se vítima de um sonho.

António, sem mais delongas, entre Rosa e Bernarda, cujas cinturas enlaçara, exclamou, então, de chofre, interrogando Bernarda: — «Josefina?!... Onde está?!...»

— «Além (volveu, entretanto, a mãe adoptiva de António, vendo-a aparecer ao fundo do parque e dirigir-se ao grupo».

Largando-as, súbitamente, António correu para Josefina e, em estonteante alegria, pegando-lhe efusivamente nas mãos, gritou com entusiasmo:

— «Fina, Fina, Fininha, meu Amor, até que enfim!...»

— «Não vens sós?!... (murmurou Josefina, entre tímida e despeitada). Quem é aquela Senhora?»

— «Adivinha adivinha! E como Josefina exteriorisasse, num gesto e na expressão, a impossibilidade de adivinhar, quasi à quizima roupa, com louco regosijo, desfechou: — minha Mãe!»

— «Tua Mãe?! exclamou Fina com não menor espanto que Bernarda há pouco e já em frente de Rosa que, a sorrir do enleio, por sua vez exclamou:

— «Sim, minha Senhora, sua Mãe. O Destino, graças a Deus, restituiu-me o meu filho. Quanto fui infeliz me sinto feliz agora. Sei que ele a ama e só tenho que felicitá-lo pela acertada escolha que fez o coração de meu filho. Deus os faça felizes!»

Na formosíssima boca de Josefina um venturoso e lindo sorriso se entreabriu e, baixinho, confusa, apenas balbuciu: — «muito obrigada». Bernarda, já há muito senhora daquele segredo, sorria também. Só o feitor Miguel, com a boca semi-aberta e olhos esbugalhados, conservava atônita a expressão, como se caísse das nuvens em sucessivos tombos.

— «Digne-se entrar, minha senhora... Quero ter o prazer de a apresentar à avó;» exclamou Fina, encaminhando-se para a escadaria do solar.

Que se teria passado no salão principal do solar da condessa?! Certamente uma agradável recepção, a avaliar pelos sorrisos trocados à saída e observados por Bernarda que, ao lado do seu Miguel, não se atrevera a entrar, a acompanhar tão cerimoniosa visita.

(Continua no próximo número)



Saber esperar é saber alcançar

Por NOEL D'ARRIAGA

Desenho de GARDY



OS tempos da terrível batalha de Aljubarrota, a alada dos namorados apenas era composta de algumas centenas de homens. Entre eles um havia de quem meu avô muitas vezes me falava. Ainda hoje me recordo duma história que dele me contou, e por eu tanto ter gostado, aqui a

vou repetir:

Chamava-se ele Luís. Quando quiz partir para combater o inimigo, prometeu à sua amada que voltaria salvo e vitorioso. E ela, cheia de esperança, muitas vezes lhe mandava mensagens, sem, contudo, receber resposta alguma.

Passaram-se meses e a tristeza já desesperando, quando, uma tarde, chegou um mensageiro dizendo:

— Seu noivo pediu-me para lhe dizer que voltaria no dia sete. Caso contrário, terá morrido.

A menina ficou com mil cuidados, mas, contudo, preparou para a data marcada, tudo quanto o seu querido pudesse desejar.

Rompeu, finalmente, o radioso dia, e ela, do cimo da sua torre, procurava avistá-lo por aquele largo horizonte.

Nesse tempo nem sequer havia ainda vias de comunicação...

Passaram-se horas sobre horas, e o cavaleiro sem aparecer.

Cafu, finalmente, a noite, e ela, crente que o bem-amado já não vinha, queria ir por esses campos sóra!... Queria vê-lo!... Queria vê-lo!... Mas uma força a deteve, e ouviu uma voz dizendo:

— Espera que quem espera sempre alcança!...

A menina, então, voltou-se e... sabem quem viu? Sabem quem estava junto dela? O seu Luís. Ficou doida de alegria, e, abraçando-o, perguntou-lhe:

— Venceram?

— Vencemos, sim. Foi uma vergonha para os espanhóis.

— E porque vieste tão tarde?

— A esta nova pergunta, Luís emudeceu, ficando de olhos baixos numa expressão de grande tristeza.

Ela, então, envolveu-o num olhar interrogador e inquieto, e quando pôde ver que a causa daquela tristeza era trazer um defeito numa das pernas que uma bala inimiga tinha atingido, então num grande impulso de ternura, abraçou aquele que era realmente um herói, como o afirmava aquela perna hirta e entorpecida.

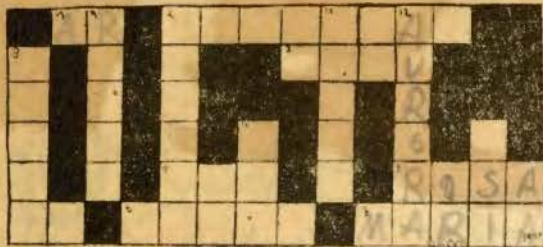
Entretanto, dos olhos de Luís, caíam duas grandes lágrimas de gratidão e amor.



F I M

HORA DE RECREIO

Palavras cruzadas



HORISONTAIS: 1, o que nós respiramos, 2, o que nós pronunciamos, 3, o contrario de rugoso, 4, tempo do verbo amar, 5 nome de uma flôr, 6, pronome demonstrativo, 7, nome de uma mulher.

VERTICAIS: 8, tempo do verbo achar, 9, nome de uma flôr, 2 nome de um mineral, 10 o antónimo de má, 11 povoação de categoria inferior á de cidade e superior á de aldeia, 12 nome que se dá ao romper da manhã.

ADIVINHA



Meus meninos

Vejam se descobrem o primeiro peixe, e por sinal bem grande, que este homenzinho conseguiu pescar.

Para os meninos colorirem



ZÉ MARIA CAÇADOR



Zé Maria caçador,
compra um cão bastante caro;
afirmando o vendedor
ser dotado de bom faro.



A fim-de o experimentar, logo
parte à caça o Zé Maria,
e ao ver perdizes faz fogo
com certa pontaria.



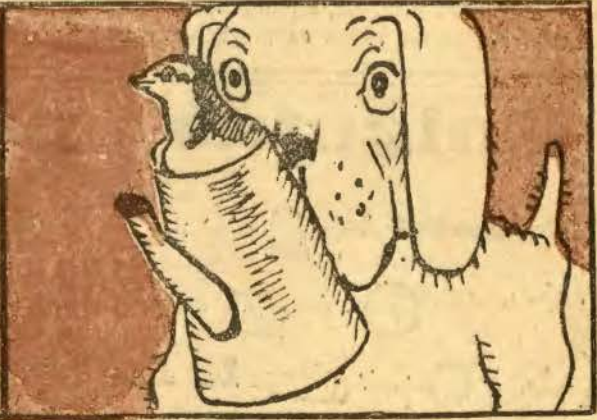
Corre o cachorro, ladrando,
numa corrida ligeira,
mas regressa abocanhando
uma velha cafeteira.



Zé Maria, em plena caça,
bate o mato e o cão maldiz;
mas, por mais buscas que faça,
não vê sombras de perdiz.



A pensar na companheira
volta ao lar — que decepção! —
Sem largar a cafeteira
atrás dêle segue o cão.



Já em casa, junto a esposa,
que dêle faz mangação,
repara que há qualquer cousa
que lhe desperta a atenção.

E, então, largando-se a rir,
entre o cão e a companheira,
vê a perdiz emergir
de dentro da cafeteira!